

GUARDAR O MELHOR PARA O FIM

Rocbelle M. Pennington

Guardar o melhor para o enquanto fim! Esse antigo clichê cruzou meus pensamentos enquanto esperávamos pela sobremesa. Sem sombra de dúvida, seria maravilhosa e valeria a pena esperar.

Nessa noite, estávamos celebrando o Natal em nosso grupo de mulheres, e a reunião foi muito agradável. Depois da refeição, pre-cedida por algumas atividades breves, houve a troca de presentes.

Uma após a outra, nós nos levantamos para abrir o presente que fora colocado sobre a mesa diante de nós. Presentes pequeninos. Presentes simples. Velas, artigos de papelaria, sais de banho. Após serem abertos, todos aplaudiam educadamente cada um desses presentes.

Só quando a volta do círculo completou-se, em um processo bem organizado até que a última pessoa abrisse seu presente, foi que notamos que ela não tinha um presente ... e, subitamente, parece que todas nós percebemos isso ao mesmo tempo.

O nome dela era Dorothy, a pessoa mais velha de nosso grupo, mas o membro mais recente. Quando ela se mudou para nossa comunidade, juntou-se a nós. Essa seria sua primeira festa de Natal conosco, pois ainda não fazia um ano que frequentava nossa reunião.

Um silêncio pesado caiu sobre o ambiente enquanto esperávamos que alguém pensasse, e bem rápido, em alguma coisa que pudesse ser feita para que Dorothy não ficasse constrangida. E, de repente, alguém tomou a iniciativa -a Dorothy !

Ela se levantou, pegou sua bolsa, retirou um saco de papel marrom, desses que recebemos quando compramos pão, olhou seu conteúdo, embora parecesse vazio, e a seguir olhou para nós.

-Quero descrever meu presente para vocês. Recebi amor, benevolência e amizade de vocês. Sou grata por tudo isso. Obrigada.

Dorothy sentou-se ao som de retumbantes aplausos.

E, pela segunda vez, o velho clichê cruzou meus pensamentos:

O melhor realmente ficou por último.